



Eixo IX
2010/2

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA
PÓLO DE GRAVATAÍ

RITA DE CÁSSIA CASTIGLIA FREIBERGER

**A LITERATURA INFANTIL COMO ALIADA AO DESENVOLVIMENTO
DA PEDAGOGIA DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES**

PORTO ALEGRE

2010

RITA DE CÁSSIA CASTIGLIA FREIBERGER

**A LITERATURA INFANTIL COMO ALIADA AO DESENVOLVIMENTO
DA PEDAGOGIA DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Francisco Slomp

Tutora: Bianca Silva Costa

PORTO ALEGRE

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Prof^ª. Valquiria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

RITA DE CÁSSIA CASTIGLIA FREIBERGER

**A LITERATURA INFANTIL COMO ALIADA AO DESENVOLVIMENTO DA
PEDAGOGIA DE PROJETOS INTERDISCIPLINARES**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia/Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Paulo Francisco Slomp

Tutora: Bianca Silva Costa

Aprovado em ___/___/_____.

A Comissão Examinadora abaixo assinada aprova o Trabalho de Conclusão de Curso, A Literatura Infantil como aliada ao Desenvolvimento da Pedagogia de Projetos Interdisciplinares, elaborado por Rita de Cássia Castiglia Freiburger, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Prof. Paulo Slomp

Dra. Darli Collares

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pai que é minha força propulsora neste dom privilegiado, que é o de educar.

Aos meus pais Francisco e Vera, que me deram a vida, educação e carinho, ensinando-me os verdadeiros valores humanos e éticos e que me deram força para continuar nessa almejada conquista.

Ao meu esposo Eliomar, que me apoiou em todas as minhas decisões e foi compreensivo em muitos momentos que fiquei ausente e não fui atenciosa.

À minha filha amada Rafaela que é a razão do meu viver, lutar e prosseguir.

Ao meu genro Juninho que se fez presente nesta etapa de minha vida com seu jeito alegre, extrovertido e inquieto de ser.

Ao meu afilhado Cacá que me prestou socorro nos momentos de dificuldades com o computador.

A todos os meus parentes e amigos que de uma forma ou de outra, estiveram presentes nesta conquista.

Aos meus queridos alunos que são fonte inspiradora da minha caminhada como educadora e que muitas vezes me fizeram questionar sobre “quem ensina quem”.

Ao professor Paulo Slomp e à tutora Bianca Costa que me guiaram e se mostraram incansáveis nesta tarefa de me orientar, na qual me fizeram visualizar, com seus conhecimentos, que o que parecia impossível é possível, apontando caminhos a escolher.

À colega Daniela Delfino de Souza que me serviu como “fada madrinha”, salvando-me em momentos de muita angústia e ansiedade, com suas palavras sábias, paciência, carinho, atenção e empréstimo de materiais riquíssimos na área da literatura infantil.

À minha querida amiga Patrícia Cemin que foi uma verdadeira companheira em todos os momentos desta caminhada, tanto na vida pessoal como na vida profissional e de estudante.

À minha amiga Maria Delourdes que me serviu como exemplo de garra, perseverança e coragem.

A todos meus colegas de trabalho e de curso que muito me apoiaram e me auxiliaram nesta caminhada, acompanhando meus lamentos e satisfações.

*Ensinar é um exercício de imortalidade.
De alguma forma
continuamos a viver
naqueles cujos olhos
aprenderam a ver o mundo
pela magia da nossa palavra.
O professor, assim, não morre
jamais...*

(Rubem Alves, 1994, p.4.)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central a utilização da literatura infantil como aliada ao desenvolvimento de projetos interdisciplinares nas séries iniciais do ensino fundamental. A metodologia utilizada foram observações realizadas com crianças de uma turma de segundo ano, de uma escola municipal localizada na região metropolitana de Porto Alegre, envolvidas em atividades referentes à literatura infantil em projetos interdisciplinares, desenvolvidas durante estágio curricular de abril a junho do corrente ano. A partir de estudos realizados, embasados principalmente nos autores: Ana Maria Machado, Fanny Abramovich, Joana Cavalcanti e Fernando Hernández, pode-se pontuar a importância do uso da literatura infantil na pedagogia de projetos durante o processo de formação dos alunos, possibilitando que o professor se aproprie e avalie adequadamente instrumentos literários potencialmente educativos que podem ser de grande importância na construção de conhecimentos em diversas áreas, e perceba o quanto se faz necessário propostas pedagógicas que visem aprendizagens significativas nas práticas escolares.

Palavras-chave: Literatura Infantil - Projetos Interdisciplinares - Aprendizagem Significativa.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	LITERATURA INFANTIL.....	12
2.1	ORIGENS.....	12
2.2	FUNÇÕES DA LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DOS TEMPOS.....	14
3	A LITERATURA INFANTIL E A ESCOLA.....	16
3.1	DIVERSIDADE LITERÁRIA.....	18
3.2	LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.....	21
3.3	LITERATURA E TECNOLOGIA.....	23
4	PEDAGOGIA DE PROJETOS.....	26
4.1	PROJETOS INTERDISCIPLINARES.....	28
4.2	O PAPEL DO ALUNO E DO PROFESSOR EM PROJETOS INTERDISCIPLINARES	30
5	APRESENTAÇÃO DA ESCOLA E TURMA ENVOLVIDA NA PESQUISA	32
5.1	DESCRIÇÃO DA ESCOLA.....	32
5.2	APRESENTAÇÃO DA TURMA	35
6	LITERATURA INFANTIL EM PROJETOS INTERDISCIPLINARES.....	36
6.1	A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL EM PROJETOS INTERDISCIPLINARES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.....	36
6.2	EXPERIÊNCIAS DE UTILIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL EM PROJETOS INTERDISCIPLINARES NO 2º ANO.....	37
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso concentra a atenção no uso da literatura infantil em projetos interdisciplinares. A partir de experiências positivas vivenciadas durante meu estágio curricular, surgiu a idéia de realizar a pesquisa envolvendo esta temática.

A principal hipótese é que a utilização da literatura infantil, como uma aliada ao ensino por projetos traz muitos benefícios à aprendizagem dos alunos. Com o intuito de aprofundar esta compreensão, foram observados alunos da turma vinte e três, do segundo ano do ensino fundamental de nove anos, com idade entre 6 e 7 anos, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental da região metropolitana de Porto Alegre, R. S., no período de doze de abril a doze de junho do corrente ano.

A pesquisa teve por objetivo perceber o quanto propostas pedagógicas diferenciadas, envolvendo literatura, autonomia, colaboração, interação, prazer e integração de disciplinas, contribui para uma aprendizagem produtiva e significativa para os alunos.

A realização desta pesquisa se justifica pela importância que a literatura infantil pode adquirir na vida das crianças e pelos benefícios que o ensino por projetos pode trazer para a aprendizagem dos alunos. Percebemos que a literatura e a pedagogia de projetos, unidas podem produzir efeitos bastante positivos no processo ensino-aprendizagem.

O presente trabalho está dividido em capítulos. O capítulo dois apresenta as origens e funções da literatura através dos tempos. O capítulo três desenvolve o tema: “A literatura infantil e a escola”, abordando a diversidade literária, a literatura infantil contemporânea e a literatura e tecnologia. O capítulo quatro explica a pedagogia de projetos e esclarece o que são projetos interdisciplinares e qual o papel do professor e do aluno no desenvolvimento dos mesmos. Uma breve descrição da escola e a apresentação da turma envolvida na pesquisa, encontram-se no capítulo cinco. O capítulo seis explica a contribuição da literatura infantil em projetos interdisciplinares e o relato de experiências vivenciadas. O capítulo sete apresenta as considerações finais encaminhando reflexões referentes à importância da literatura infantil em projetos interdisciplinares nas séries iniciais do ensino fundamental.

Por fim, cabe enfatizar que as temáticas abordadas nos capítulos deste trabalho, são estudadas na área educacional através dos autores: Ana Maria Machado, Bruno Bettlheim, Cademartori, Fanny Abramovich, Nelly Coelho, Maria Antonieta Cunha, Juracy Saraiva, Joana Cavalcanti, Regina Zilberman, Fernando Hernández, Jurjo Santomé, Jolibert, Miguel Arroyo e outros.

2 LITERATURA INFANTIL

No encontro com a literatura as pessoas podem ter a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Por isso, já nos primeiros anos de vida é importante que as crianças tenham contato com as histórias inventadas ou extraídas da tradição familiar ou do folclore. Quanto mais cedo, elas tiverem contato com os livros, mais cedo irão perceber o prazer que a leitura produz, sendo maior a probabilidade de se tornar um adulto leitor, integrado em nossa sociedade letrada.

2.1 ORIGENS

A literatura infantil surgiu, a partir da necessidade de transmitir acontecimentos e idéias e através da contação de histórias buscou-se uma maneira de repassar a herança cultural, para gerações mais jovens. Inicialmente essas histórias eram apenas contadas, não sendo registradas por escrito.

Na Idade Média a criança era vista como um “pequeno adulto”. Ela deveria ser educada conforme os objetivos traçados pelos adultos, sem se preocupar com as capacidades e vontades próprias da infância como a conhecemos hoje.

Nos dizem Varela e Álvarez-Uria (1992) que, segundo as idéias do historiador Philippe Ariès, na Idade Média não existia uma percepção realista e sentimental da infância. As crianças não eram nem queridas nem odiadas nos termos que estes sentimentos se expressam atualmente. Elas participavam juntamente com os adultos das atividades lúdicas, educacionais e produtivas e não se diferenciavam nem pelas roupas que vestiam, pelos trabalhos que executavam e nem pelas coisas que diziam ou deixavam de dizer.

Alguns livros circulavam na Idade Média e no Renascimento, sendo os catecismos criados pelos padres Jesuítas, para pregar o cristianismo às crianças. Além disso, também circulavam fábulas com narrativas moralizadoras e os livros com narrativas de comportamento exemplares.

Os primeiros livros infantis surgiram no século XVII, quando foi lançada a obra do famoso francês Charles Perrault. Ao trazer histórias da tradição especialmente para as crianças da corte,

narrando-as em finos versos ou prosa burilada, e fazendo com que todas se acompanhassem de uma moral, Perrault recontou versões imortais de “A Bela Adormecida”, “Chapeuzinho Vermelho”, “A Gata Borralheira”, “O Pequeno Polegar” e “O Gato de Botas” entre outras. O autor conseguiu resgatar este repertório e transformá-lo criticamente nos diversos tipos humanos da sociedade da época, acentuando nas narrativas a forma fantasiosa e mágica, ao encarar situações.

No século XIX surgem os Contos dos Irmãos Grimm, os quais reunidos pelos pesquisadores e folcloristas alemães Jacob e Wilhelm Grimm, tratam de narrativas de fundo popular. Os Contos de Grimm apresentavam uma grande diferença em relação à obra de Perrault: não se destinavam à leitura da corte, mas tinham como objetivo preservar um patrimônio literário tradicional do povo alemão e estar ao alcance de todo mundo. Essa intenção era evidente desde o primeiro título do Livro (Cantos para o Lar e as Crianças). Com esse objetivo, os contos eram narrados em prosa e numa linguagem bem próxima a oralidade, de um jeito parecido ao que era falado pela gente do povo. Entre os mais conhecidos estão: “A Branca de Neve e os sete Anões”, “Os Cisnes Selvagens”, “Rumpelstiltskin”, “João e Maria” e os “Músicos de Bremen”.

Entre 1835 e 1872, o dinamarquês Hans Christian Andersen, lançou uma grande antologia de contos de fadas. Andersen apresentou-se com uma grande diferença em relação a Perrault e aos irmãos Grimm: não se limitou a recontar as histórias tradicionais que corriam pela boca do povo, fruto de uma criação secular coletiva e anônima. Ele foi mais além e criou várias histórias novas, seguindo o modelo dos contos tradicionais, mas trazendo sua marca individual e inconfundível - uma visão poética misturada com profunda melancolia. Assim, seu livro, além de contos de fadas recontados, trazia também novidades como “O Soldadinho de Chumbo”, “O Patinho Feio”, “A Roupas Nova do Imperador”, “Polegarzinha” e tantas outras narrativas com animais e objetos como seres dotados de comunicação e sentimentos. Seus contos fazem parte do nosso universo infantil e contagiaram a imaginação de outros autores.

Cademartori (1994) nos remete a refletir que:

[...] a literatura infantil se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade. Se a dependência infantil e a ausência de um padrão inato de comportamento são questões que se interpenetram, configurando a posição da criança na relação com o adulto, a literatura surge como um

meio de superação da dependência e da carência por possibilitar a reformulação de conceitos e a autonomia do pensamento. (CADEMARTORI, 1994, p.23)

No Brasil, a partir de 1921, a literatura infantil teve como principal marca a obra de Monteiro Lobato, quando da publicação de “Narizinho Arrebitado”, que apresentava um apelo à imaginação, diálogos, linguagem visual, enredo, humor e graça na expressão lingüística (COSTA, 2005). Representava “toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava o conceito de Literatura Infantil no Brasil” (ARROYO, 1990, apud COSTA, 2005, p.67) e, mais adiante, Lobato criou muitas outras obras que até hoje encantam milhares de crianças, despertando o prazer e o desejo de ler.

2.2 FUNÇÕES DA LITERATURA INFANTIL ATRAVÉS DOS TEMPOS

A literatura infantil oportuniza o uso do lúdico, juntamente com o cognitivo, contribuindo para a criação e narração de histórias voltadas especialmente para as crianças, voltadas para o desenvolvimento da psique infantil. Jesualdo (1978, apud COSTA, 2005) nos diz que a literatura infantil:

[...] estimula, nas crianças, interesses adormecidos que esperam que essa espécie de varinha mágica os desperte para aspectos do mundo que as rodeia; age sobre as forças do intelecto, como a imaginação ou o senso estético, que precisam do impulso de correntes exteriores para adquirir pleno desenvolvimento na evolução psíquica da criança. (JESUALDO, 1978, apud COSTA, 2005, p.61)

Através da literatura infantil pode-se fazer com que a criança desenvolva as suas capacidades de emoção, admiração, compreensão do ser humano e do mundo, entendimento dos seus próprios problemas e dos problemas alheios, enriquecendo as suas experiências pessoais, escolares e cidadãs.

A infância é uma fase de grande imaginação e criatividade, sendo importante que os adultos fiquem atentos à exposição das crianças aos meios de comunicação. Em tempos que o acesso à TV, aos DVDs, ao rádio, ao cinema e a internet são tão presentes e expressam valores de uma

sociedade capitalista e utilitarista, faz-se necessário refletir a respeito de uma literatura herdada de povos antigos que atravessou os tempos.

Como fonte saudável de alimento à imaginação infantil, a literatura, tem sua beleza própria, mas somente reconhece quem sabe identificá-la:

[...] identificação, pelo prazer que toda leitura com pretensões a ser de algum proveito deve provocar na alma da criança, para além de qualquer simplismo de expressão, ou do puro retrato físico de uma modalidade de ser e de sentir, que a criança permanentemente luta por transcender. (JESUALDO, 1978, apud COSTA, p.62)

As narrativas infantis podem, operar na formação social, moral e literária da criança, estabelecendo uma relação bastante forte entre o mundo imaginário e mágico e o mundo real. Como pode-se perceber o trabalho com literatura infantil é muito rico e gratificante, pois trabalhar com histórias nos permite “viajar em outro mundo”, cheio de surpresas, além de propiciar as crianças bons momentos de risos e novos conhecimentos.

3 A LITERATURA INFANTIL E A ESCOLA

Em nosso país, muitas famílias, principalmente as mais desfavorecidas economicamente não possuem o hábito de ler. Conseqüentemente, as crianças não tem oportunidade de contato com a literatura desde pequeninos. Neste sentido, observa-se que muitas crianças somente quando chegam na escola tem o primeiro contato com a literatura e em algumas vezes pode se tornar uma obrigação, um “castigo”, ao invés de produzir prazer e conhecimento. Infelizmente, muitos docentes não trabalham com a literatura infantil adequadamente, pois não possuem uma formação significativa e prática neste assunto, que deveria ser oferecida de maneira permanente, pela mantenedora.

Por não receberem formação, alguns professores, não levam em conta o gosto e a faixa etária em que os alunos se encontram, sendo que muitas vezes o livro indicado ou lido pelo professor está além das possibilidades de compreensão dos alunos.

Diante desta realidade, nos defrontamos muitas vezes com posicionamentos sobre a literatura em que os educadores acabam distanciando o leitor do livro, pois eles delegam à leitura de textos literários uma função de conhecimento superficial ou enciclopédico. A partir dessa realidade evidenciamos a dificuldade de trabalhar a literatura na escola de forma prazerosa, visto que muitos professores ignoram sua finalidade e não estão conscientes de sua importância. Estão mais preocupados com o cumprimento de um programa, de uma listagem de conteúdos, muitas vezes distantes da realidade sócio-emocional das crianças.

Um dos vários desafios enfrentados pela escola é o de fazer com que as crianças adquiram o gosto e o hábito da leitura, para que possam agir com autonomia nas sociedades letradas. Para que isso aconteça, é importante que o professor proporcione momentos de leitura na sala de aula, para que desde cedo as crianças ampliem sua visão de mundo e despertem o seu potencial imaginário, de fantasia, de atenção e de criatividade, auxiliando-os a enfrentar e resolver situações problema da vida real. Fanny Abramovich nos remete a refletir:

Ler histórias para crianças, sempre, sempre... É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a idéia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento... É também suscitar o imaginário, é ter curiosidade

respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar questões (como as personagens fizeram...). É uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos – dum jeito ou de outro – através dos problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde aquele momento que está sendo vivido pela criança) e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades, ou encontrar um caminho para a resolução delas. (ABRAMOVICH, 2005, p.17)

Experiências produtivas com a literatura em sala de aula, são aquelas em que o educando interage com os diversos textos, de tal forma que possibilite o entendimento do mundo em que vivem e que construam aos poucos, seu próprio conhecimento. Para tais experiências se consolidarem, se faz necessário que o professor construa critérios que permitam selecionar as obras literárias a serem trabalhadas com as crianças. Segundo Bettelheim (1996):

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades, e ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 1996, p.13)

Utilizar uma prática literária na sala de aula, pode favorecer o desenvolvimento integral da criança, ajudando-a a se conhecer melhor, bem como auxiliando-a no processo de aquisição de linguagem, leitura e escrita. Assim, a literatura infantil permite uma compreensão da realidade, uma atuação crítica sobre ela e também auxilia a criança a elaborar dados de sua realidade.

Juracy Saraiva nos diz:

A concepção do método pressupôs ser necessário demonstrar que a leitura constitui fonte de prazer na medida que atende às necessidades de ludismo e da informação da criança. Por meio da literatura o aluno satisfaz essas necessidades, sendo-lhe permitido assumir uma atitude crítica com relação ao mundo, advinda das diferentes mensagens e indagações que os textos suscitam. (SARAIVA, 2001, p.12).

É importante que os educadores tenham em mente que o que leva o educando a tornar-se um verdadeiro leitor, não é o reconhecimento da importância da leitura, e sim as várias

motivações e interesses que correspondem às necessidades de sua personalidade e de seu desenvolvimento cognitivo.

3.1 DIVERSIDADE LITERÁRIA

Nos dias atuais, a literatura infantil tornou-se mais abrangente ao influir em vários aspectos da vida das crianças. Hoje encontramos em nossos livros para crianças e jovens variadas abordagens. Os autores passeiam por diversos gêneros, escrevendo suas histórias de várias formas: fábulas, lendas, poesias, contos, etc.

As fábulas distinguem-se dos outros textos pela “presença animal colocada em situação humana e caracterizando símbolos, dentro de um contexto universal” (COELHO, 1991, p.148).

As fábulas surgiram no Oriente e sofreram várias reinvenções, todas com algo em comum: apresentavam lições morais à sociedade. Da necessidade de denunciar indiretamente uma sociedade que apresenta comportamentos de corrupção, além da maldade presente nos seres humanos, surgiram as fábulas primeiramente para para os adultos. De acordo com Jesualdo (1978), surgiu da “[...] necessidade natural que o homem sente de expressar seus pensamentos por meio de imagens, emblemas ou símbolos” (JESUALDO, 1978, apud COSTA, 2005, p.80).

Com o passar do tempo, as fábulas tornaram-se uma forma de guia de bons princípios para as crianças seguirem, trazendo os animais como instrutores desses conhecimentos. Os filmes *SHEREK 1, 2 e 3* lançados recentemente, trazem como personagens principais, um ogro e um burro falante. Os dois caminham em busca da felicidade, satirizando a magia dos contos de fadas. O burro, apesar de sentir-se excluído, consegue ajudar o ogro a ser feliz, pois o que realmente falta a ambos é a amizade verdadeira e sincera, sem ater-se às aparências. O interessante é que o filme consegue misturar as fábulas aos contos de fadas, pois o príncipe não é um moço lindo e a princesa não é deslumbrante e graciosa. Assim, observa-se que as fábulas não precisam ter uma preocupação estética estereotipada, pois o sentido básico para esse gênero é a mensagem final, o significado que irá deixar para os ouvintes e/ou leitores.

Um outro gênero é representado pelas lendas, que trabalham especificamente com relatos do povo, que, em geral pretendiam explicar, por fatos sobrenaturais, o que havia sido

experimentado ou vivido. As lendas tem uma narrativa que parte de um fato histórico e o interpretam de uma forma sobrenatural, fornecendo explicações plausíveis e aceitáveis a acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais.

Heróis que fazem o inacreditável, monstros, seres fantásticos e fantasmas desfilam em seus textos causando temor e assombro nos leitores e/ou ouvintes. O folclore brasileiro é rico em lendas regionais destacando-se “Boitatá”, “Boto-Cor-de-Rosa”, “Saci-Pererê”, “Curupira”, “Lobisomem”, “Mula-sem-cabeça”, “Iara”, “Vitória Régia”, “O Negrinho do Pastoreio” e tantas outras. Muitos destes personagens ganharam ainda mais fama depois de terem aparecido no “Sítio do Pica Pau Amarelo”, obra do escritor Monteiro Lobato.

As poesias, por sua vez, se apresentam como uma atraente e lúdica forma de contato com o texto literário. As poesias podem brincar com o aspecto sonoro das palavras, podem utilizar imagens, formas de dizer não convencionais, podem tratar de sentimentos e vivências do cotidiano da criança, podem usar o absurdo, o humor, o inesperado, podem se inspirar em composições folclóricas, parlendas e trava-línguas.

A poesia não está só nos livros, nem é feita só de grandes poetas: a televisão, o rádio, os jornais, as revistas e os outdoors nos exibem, também, diariamente, trocadilhos e jogos de palavras, brincadeiras sonoras e rimas. Propagandas e campanhas políticas, hinos e ditados populares, celebrações e bordões do camelô fazem, diariamente um uso poético da linguagem, conseguindo grande expressividade. A poesia está em muitas partes: nas cartas apaixonadas, nas letras de músicas, etc. A música brasileira é rica em letras que são verdadeiros poemas, como as de Tom Jobim, Chico Buarque, Caetano Veloso e Vinícius de Moraes, por exemplo. Também na boca do repentista nordestino, no enredo da escola de samba, a poesia está viva. Na voz do rapper da cidade grande, que conta a vida da periferia, expressando suas dores e seus desejos.

O canal criativo do ser humano pode ser excitado pela poesia, cabendo ao professor apresentar à criança este encontro com a poesia.

Maria Antonieta Cunha nos remete a refletir que o entendimento da poesia não é o essencial, pois “a poesia é para ser sentida, muito mais que compreendida. Uma das principais características do fenômeno poético é exatamente a ambiguidade, a conotação” (CUNHA, 1983, p. 96). O professor pode propiciar a vivência da poesia pela dramatização, por movimentos

rítmicos, pelos jogos fônicos, em sua riqueza de conteúdo e linguagem. Ele pode também, mostrar que a beleza da poesia é uma beleza que se encontra nas criaturas, na natureza e na vida cotidiana: tudo pode ser poesia.

Por fim, observa-se que a literatura dos contos de fadas, de acordo com a autora Ana Maria Machado (2002) é caracterizada como popular, uma manifestação artística por meio das palavras, uma forma de produção cultural com sentido próprio. Os contos de fadas cumprem uma função fixa, possuem uma estrutura pré-determinada.

O ser humano conta histórias para tentar entender a vida, sua passagem pelo mundo, ver na existência humana alguma espécie de lógica. Cada texto e cada autor lidam com diferentes elementos e adequando formas e expressões aos conteúdos. Assim, contar histórias de bruxas malvadas, princesas presas em altas torres e cavaleiros corajosos não são apenas um passatempo lúdico, mas uma importante ferramenta no ensino para a vida.

Trabalhar com contos de fadas na escola significa ajudar as crianças a compreenderem melhor seus problemas psicológicos, pois a partir dos contos são despertadas inúmeras emoções: desejos, angústias, medos, etc. Além disso, também significa despertar vários ensinamentos relacionados a realidade de nossos alunos, pois os contos de fadas são ricos em experiências de vida: o medo de ser abandonado, a tristeza pela morte dos pais, brigas entre irmãos, a pobreza, a busca da liberdade e a rejeição. São temas que ajudam as crianças a elaborar e enfrentar as dificuldades do cotidiano.

Ao desenvolver trabalhos em sala de aula com contos de fadas, os alunos demonstram prazer em ouvi-los, pois ficam curiosos, empolgados, alegres e muitas vezes entristecidos. Eles tentam através de conversas compreender e buscar soluções para ajudar alguns personagens. Essas histórias muitas vezes funcionam como uma válvula de escape, uma catarse, e podem permitir que a criança vivencie seus problemas psicológicos de modo simbólico, obtendo uma melhor elaboração de seus conflitos.

Situando-se na linha de pensamento de Freud, o autor Bruno Bettelheim (1996) busca nos contos de fadas os temas edípicos, os processos de maturação da criança, os fantasmas da angústia e, de uma maneira geral, os conflitos do inconsciente relacionados com os problemas da infância. Neste sentido os contos de fadas são psicologicamente mais convincentes do que a

narrativa realista, porque colocam a criança diante de uma situação problema cuja solução encontrará graças à sua capacidade de imaginar. Na verdade, o real de que Bettelheim fala não é aquilo que se passa diante de nossos olhos todos os dias, mas aquilo que se passa em nossa subjetividade. De uma maneira geral, os monstros, as bruxas e os personagens terríveis são projeções imaginárias dos fantasmas que a criança traz consigo: o medo de ser abandonada por seus pais, o medo de ser devorada, medo da rivalidade fraterna. Os contos de fadas podem ser úteis para superar todas essas angústias, e podem ajudar as crianças a protegerem-se nessas histórias que acabam com final feliz e a identificarem-se com o herói.

Sozinha e sem competência narrativa, a criança poderia ser incapaz de inventar histórias que a ajudassem a vencer suas angústias. O conto de fadas dá à criança a possibilidade de imaginar onde ela buscará as imagens necessárias para resolver seus problemas.

Bettelheim nos remete a refletir quando diz: “o desprazer original da ansiedade vira o grande prazer de uma ansiedade encarada e dominada de modo bem sucedido” (2000, p.216). A criança solicita que estes contos que dão medo sejam repetidos várias vezes, pois permitem que ela se certifique de que o bem sempre vence o mal e que o final sempre será feliz.

3.2 LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

No Brasil, os primeiros livros infantis começaram a ser publicados no início de 1800, com a implantação da Imprensa Régia. Porém, a literatura infantil brasileira, despontou apenas no final do século XIX, com a circulação de obras de forma precária e irregular. Ela era representada, principalmente, por edições de Portugal que, aos poucos, se fundiram com tentativas pioneiras e esporádicas de traduções nacionais. A primeira manifestação aconteceu com o educador teuto-brasileiro Carl Jansen (1829-1889) que adaptou e traduziu clássicos como “Dom Quixote”, “Robson Crusóé”, “As Mil e Uma Noites”, entre outros. Um dos primeiros autores brasileiros a se preocupar em escrever obras direcionadas ao público infantil foi Alberto Figueiredo Pimentel (1869-1914), que seguia a mesma linha educativa que estava em destaque naquele momento: despertar na criança sentimentos do bem, de religiosidade e caridade. Entre suas narrativas destacam-se “Histórias da Carochinha” e “Histórias da Avozinha”. Mas quem revolucionou o

gênero infantil brasileiro foi Monteiro Lobato (1882-1948) ao publicar as primeiras histórias com os personagens de “O Sítio do Pica Pau Amarelo”.

Para a estudiosa em literatura a escritora Regina Zilberman:

A sistemática adotada por Lobato mostrou-se, desde o começo, muito útil. Tal como ocorre nas histórias em série, como as que se conhece na televisão ou das revistas em quadrinhos, o escritor repetia as personagens, de modo que não precisava inventar novos indivíduos a cada vez em que principiava outra narrativa. Era preciso bolar tão-somente aventuras originais para as mesmas pessoas, o que deu certo por uma razão: elas revelam, desde o começo, espírito aventureiro, gostam de aderir atividades desafiadoras, estão disponíveis para o que der e vier. Portanto, trazem consigo a personalidade dos heróis tradicionais, aqueles que habitam os mitos, as lendas, os contos folclóricos, as epopéias, em outras palavras, todas as narrativas ouvidas desde pequenos e recontadas não apenas na literatura, mas em outros meios de comunicação, sobretudo os de massa, como o cinema, a TV, a história em quadrinhos e atualmente os jogos de computador. (ZILBERMAN, 2005, p.23)

Mais adiante, uma grande explosão literária infantil surgiu na década de 70. Com a consolidação do mercado editorial, e a crescente dependência da escola em relação ao livro, aumentou expressivamente o número de autores criando para o público infantil. Foi então que surgiram escritores marcantes como Ana Maria Machado, com a obra “História Meio ao Contrário” (1978); Fernanda Lopes de Almeida com “A Fada que Tinha Idéias” (1971); Eliardo França com “O Rei de Quase-tudo” (1974); Ruth Rocha com “Marcelo, Marmelo Martelo” (1976) e “O Reizinho Mandão” (1978), entre tantos outros autores.

Ziraldo (1932) e Pedro Bloch (1914-2004), dignos “filhos de Lobato” trouxeram o humor ao leitor infantil. O cartunista Maurício de Sousa (1935-) é o criador da Turma da Mônica com histórias em quadrinhos, iniciando seus primeiros textos em tiras do Jornal Folha da Manhã, em 1959, sendo protagonizadas pelo cachorro Bidu e seu dono Franjinha.

A literatura infantil brasileira, atualmente vem florescendo mais e mais, fazendo com que existam diversas tendências disponíveis nas obras: a que a narrativa só se faz com imagens, aquelas em que se percebe uma grande preocupação com a própria linguagem manifestada na intertextualidade e na metalinguagem, aquelas em que os velhos contos de fadas são trazidos com nova roupagem, às vezes sob forma de paródias, aquelas que investem no humor e na ironia, outras que abordam com sutileza dramas humanos do cotidiano, outras que tematizam questões

de gênero, etnia e diferenças em geral, outras que abordam a vida de pessoas ilustres ou artistas famosos e por fim aquelas que trazem questionamentos de preconceitos.

Entre as novas formas de narrativas apresentadas na literatura infantil hoje em dia, e que tem como base de representação a realidade e o cotidiano, Nelly Novaes Coelho divide a linha do realismo cotidiano em:

Realismo crítico (relacionado à realidade social); Realismo humanitário (relações afetivas e humanas); Realismo lúdico (as aventuras e brincadeiras); Realismo histórico (narrativas de tradição, pois ao apresentar um caráter didático, adaptam o cotidiano a partir do passado); Realismo mágico (fusão do maravilhoso e do real, trazendo um terceiro mundo como solução das dificuldades). (COELHO, 1993, p.139-144)

Para finalizar, destacamos que o mais importante da literatura infantil brasileira contemporânea é que existem articulações que permitem ver, falar e viver a infância de formas singulares, permitindo à criança a construção de modos de ser e estar no mundo.

3.3 LITERATURA E TECNOLOGIA

Grande número de escritores passaram a servir-se do computador devido à facilidade na revisão dos textos, o que diminui o tempo de escrita. O escritor, ao entregar na editora a obra, através das tecnologias digitais e não em manuscritos, reduz o tempo de composição e o tempo de montagem.

No entanto, a par do impulso que a edição do livro teve graças a contribuição das novas tecnologias, surgiram os CD-ROMs, as páginas da internet e os livros digitais (e-books) como meios difusores das obras. Estes difusores vieram preencher espaços que os livros de papel não podem preencher: o da rapidez de acesso e o da grande capacidade de armazenamento. No âmbito da literatura foram publicadas em CD-ROM obras integrais de autores consagrados com notas de ajuda, ensaios críticos, imagens, vídeos, musicais e jogos interativos. Seria impensável encontrar todos esses formatos reunidos num livro de papel.

As páginas da internet possuem vantagens como: a possibilidade de fazer atualizações sempre que necessário e a facilidade de acesso, em qualquer momento, a partir de qualquer local

onde haja acesso. Assim, para o público infantil, são inúmeros CD-ROMs que as editoras nos últimos anos tem disponibilizado para crianças. Desde jogos pedagógicos interativos, envolvendo personagens de histórias conhecidas, até adaptação de histórias do mundo da literatura infantil disponíveis, mas deve-se ter o cuidado de verificar a qualidade.

Na internet, são milhares as páginas sobre literatura infantil disponíveis. Surgem páginas construídas pelos pais das crianças e até pelas próprias crianças que muitas vezes colocam pequenas listas de obras, dos autores e dos heróis preferidos, com desenhos feitos de próprio punho ou imagens diversas. Surgem também, páginas de estudantes e educadores com ótima qualidade, onde pode-se encontrar pertinentes reflexões sobre literatura infantil e links para outras páginas da mesma área.

Em muitos sites encontramos páginas pessoais de conhecidos autores e ilustradores da literatura infantil e também são encontrados sites de divulgação que procuram informar eventos e projetos relacionados com a literatura infantil, sites de editoras que realizam propaganda e venda de livros e sites onde estão publicadas resenhas de obras. Muitos autores tradicionais e estreantes apostam na internet para divulgar seus trabalhos e até mesmo publicá-los.

Mas, uma dúvida surge: “Os livros resistirão às tecnologias digitais?”. Numa entrevista com o francês Roger Chartier, especialista em leitura, com ênfase nas práticas culturais, publicada na coluna “Fala Mestre!” da revista Nova Escola, edição nº 204, agosto de 2007, o mesmo mostrou-se interessado pelos efeitos da revolução digital, e diz que diferentemente dos que prevêem o fim da leitura dos livros impressos por causa dos computadores, acha que a internet pode ser uma poderosa aliada para manter a cultura escrita.

Chartier nos faz refletir:

[...] Na tela do computador a leitura se dá de forma fragmentada, num mundo em que cada texto é pensado como uma unidade separada de informação. Essa forma de leitura se reflete na relação com as obras, já que o livro impresso dá ao leitor a percepção de totalidade, coerência e identidade – o que não ocorre na tela [...] O professor deve ensinar que um romance se lê de forma reflexiva. E isso é muito diferente de pular de uma informação a outra, como fazemos ao ler notícias em um site. Por isso não tenho dúvida de que a cultura impressa continuará existindo. (CHARTIER, 2007, p.24 e 26, Nova Escola, ed.204)

É fundamental que a escola incentive a relação dos alunos com obras literárias, com um patrimônio cultural cujos textos servem de base para pensar a relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Para isso, pode-se tirar proveito das novas possibilidades do mundo eletrônico e ao mesmo tempo utilizar a produção literária impressa.

Como foi visto neste capítulo e no capítulo anterior, a literatura como material cultural tão rico e variado, proporciona aos alunos diferentes sensações, sentimentos, curiosidades e diversas aprendizagens nas mais variadas áreas de conhecimento. A partir desta constatação, pode-se associar a literatura à Pedagogia de Projetos Interdisciplinares, que suscita nos alunos diferentes aprendizagens, produz autonomia e participação ativa dos mesmos em seu desenvolvimento.

4 PEDAGOGIA DE PROJETOS

Nos dias atuais, cada vez mais se torna importante o desenvolvimento de propostas pedagógicas que valorizem a iniciativa e a participação dos educandos, que mostram-se cada vez mais construtivos, criativos e cooperativos no desenvolvimento de atividades.

Neste sentido, é interessante observar o pensamento de Vygotsky (1988), no qual o sujeito é interativo, constrói seus conhecimentos de forma inter e intrapessoal: primeiramente constrói com os outros e o meio e depois organiza e elabora individualmente. É por meio da troca com outros sujeitos e consigo mesmo que se vai internalizando conhecimentos, papéis e funções sociais, permitindo assim a constituição da consciência coletiva.

No século XX, a criança foi reconhecida pela sua capacidade de criar, por seu entusiasmo em conhecer a própria vida e pelo seu poder de sensibilidade, pois, vários estudos foram desenvolvidos, no decorrer deste século com o objetivo de conhecer a visão de mundo e a imaginação infantil, os sentimentos das crianças e como se dá o desenvolvimento das aprendizagens.

Pode-se citar estudos realizados por John Dewey (1859–1952), que nos levaram a perceber a necessidade de procedermos a uma educação socialmente qualificada, fazendo-se necessário oportunidades para que a criança vivencie plenamente as múltiplas linguagens, que envolvem os diversos aspectos que integram o seu desenvolvimento.

Dewey (1978) acreditava que, mais do que uma preparação para a vida, a educação era a própria vida. Para este estudioso, aprende-se participando, vivenciando sentimentos, tomando atitudes diante de fatos, escolhendo procedimentos para atingir determinados objetivos. Ensina-se não só pelas respostas dadas, mas principalmente pelas experiências proporcionadas e pelos problemas criados, pela ação desencadeada.

Inspirado pelas teorias e experiências de Dewey, o educador norte-americano William Kilpatrick (1871 – 1965) criou o método de projetos. Em setembro de 1918, uma das mais importantes revistas de educação, Teachers College Recort, divulgou um artigo no qual explica e denomina o “Método de Projetos”. Tal proposta caracteriza-se como uma forma de integração

curricular e preocupa-se com o “interesse” que deve acompanhar o trabalho pedagógico de modo a suscitar no aluno a vontade de saber. O embasamento teórico de Kilpatrick estava fundamentado nos estudos de uma “escola ativa” de John Dewey. Naquela época os conceitos científicos não eram construídos com os alunos. Os alunos deveriam memorizar os conhecimentos “aprendidos”. Desse modo, não era proporcionada uma melhor inserção e participação das crianças.

Kilpatrick destaca três questões indispensáveis para o planejamento de projetos: “Como se realiza a aprendizagem; Como a aprendizagem intervém na vida para melhorá-la; Que tipo de vida é melhor”. (KILPATRICK, 1967, apud SANTOMÉ, 1988, p.205).

Atualmente a pedagogia de projetos é discutida por diferentes autores: Santomé e Hernández na Espanha, Jolibert na França e Miguel Arroyo no Brasil, entre outros. De acordo com Santomé (1998):

O principal ponto de partida do método de projetos deriva da seguinte filosofia: por que não fazer dentro da sala de aula o que se faz continuamente na rua, no ambiente virtual verdadeiro?[...] o método de projetos desenvolve-se com a finalidade de resolver os problemas de meninos e meninas em suas vidas cotidianas, como construir uma cabana, preparar uma festa local, construir uma pequena horta, proteger e ajudar um animal ferido, etc. (SANTOMÉ, 1998, p.204).

Hernández nos contempla com a seguinte idéia:

Não existem temas que não possam ser abordados através de projetos. Frequentemente o sentido de novidade, de adentrar-se nas informações e problemas que normalmente não se encontram nos programas escolares, mas que o aluno conhece através dos meios de comunicação, conduz a uma busca em comum da informação, abrindo múltiplas possibilidades de aprendizagem, tanto para os alunos como para o professorado. Tudo isso não impede que os docentes também possam e devam, propor aqueles temas que considerem necessários, sempre e quando mantenham uma atitude explicativa similar à que se exige dos alunos. (HERNÁNDEZ, 1998, p.68).

Sobre o assunto, Miguel Arroyo, defende a presença na escola de temas emergentes, de um currículo plural e aponta que:

Se temos como objetivo o desenvolvimento integral dos alunos numa realidade plural, é necessário que passemos a considerar as questões e problemas enfrentados pelos homens e mulheres de nosso tempo como objeto de conhecimento. O aprendizado e vivência das diversidades de raça, gênero, classe, a relação com o meio ambiente, a vivência equilibrada da afetividade e sexualidade, o respeito à diversidade cultural, entre outros, são temas cruciais com que, hoje todos nós nos deparamos e, como tal, não podem ser desconsiderados pela escola. (ARROYO, 1994, p.31)

São várias as modalidades de projetos educativos integrados, mas de um modo geral todas envolvem um desenvolvimento interdisciplinar, desfragmentação de conteúdos, planejamento conjunto, participação ativa e compartilhada entre professores e alunos, bem como aspectos da realidade local.

4.1 PROJETOS INTERDISCIPLINARES

Os projetos interdisciplinares caracterizam-se principalmente por relacionarem-se com várias áreas do conhecimento, podendo envolver: desenho, escrita, dramatização, ilustração, cálculos, produção artesanal, conhecimentos de história, literatura, estudos do meio, ciências, experimentação, pesquisa, etc. Todos são responsáveis pelo desenvolvimento do trabalho e, principalmente, vislumbram a possibilidade de, cada um expor sua singularidade e encontrar um lugar para sua participação na aprendizagem. Para Jolibert:

A vida cooperativa da sala de aula, e da escola, e a prioridade conferida à prática da elaboração e condução de projetos explicitamente juntos, permitem de uma maneira exemplar, que a criança viva seus processos autônomos de aprendizado e se insira num grupo e num meio considerados como estrutura que estimula, que exige, que valoriza, que provoca contradições e conflitos e que cria responsabilidades. Fazer viver uma aula cooperativa é efetuar uma escolha de educador. Significa acabar com o monopólio do adulto que decide, recorta, define ele mesmo as tarefas e torna asséptico o meio. É fazer a escolha de um processo que leva a turma a se organizar, a dar-se as regras de vida e de funcionamento, gerir seu espaço, seu tempo e seu orçamento. Para conseguir tal empreendimento tem de: escolher, engajar-se, implementar, responsabilizar-se, regular, realizar, discutir, comentar, avaliar, viver. (JOLIBERT, 1994 a, p.20-21)

Pela diversidade e grande quantidade de assuntos que muitas vezes são apontados pelos alunos e pelo professor, os educandos podem encontrar dificuldades para escolherem o tópico a ser estudado. Alguns critérios poderão ser criados pelo professor para a escolha de um assunto a ser estudado num projeto, que poderão ser a aplicabilidade de um determinado tema à vida cotidiana da criança, a contribuição do tópico para equilibrar o currículo escolar, o valor que o assunto abordado terá para a vida do aluno, a disponibilidade de recursos, o apoio dos pais, dos funcionários e de outros professores e turmas.

Quando houver diversos tópicos apontados, os projetos poderão ser distribuídos e organizados ao longo do ano. Não é preciso definir um mesmo tópico para todos realizarem ao mesmo tempo. Dependendo da capacidade de autonomia e possibilidades da turma, ela poderá ser dividida em vários grupos, trios ou duplas, que poderão desenvolver projetos de diferentes assuntos.

Um dos pontos mais destacados da pedagogia de projetos interdisciplinares é a escolha do tema a ser desenvolvido, podendo-se destacar tipos diferentes de assuntos, de acordo com as autoras Lilian Katz e Sylvia Chard (1997, apud Vanti, 2007, p.40): as próprias crianças (casas, famílias, alimentos, programas de TV, brinquedos, brincadeiras, jogos, etc.), a comunidade local (hospitais ou postos de saúde, mercados, lojas, pracinhas, igrejas, etc.), os acontecimentos locais e assuntos correntes, as noções de tempo (relógios, calendários, feriados, objetos e conhecimentos históricos, etc.), o local (bairro, ruas, pontos de referência, ambiente, etc.), os fenômenos naturais e os conhecimentos gerais.

Os projetos interdisciplinares podem durar, dias ou semanas, dependendo da idade dos participantes, da natureza do assunto a ser estudado, da complexidade de planejamento e da realimentação do interesse dos alunos pelo assunto. Quanto à idade, as crianças a partir dos quatro anos já podem envolver-se em projetos interdisciplinares, porque justamente a partir desta idade a criança possui competências para desenvolver as habilidades exigidas, adaptadas de acordo com suas possibilidades e capacidades.

4.2 O PAPEL DO ALUNO E DO PROFESSOR EM PROJETOS INTERDISCIPLINARES

Fernando Hernández (1998, p.83) nos apresenta uma sequência de síntese da atuação dos docentes e alunos no projeto, indicando, que o aluno estabelece a possibilidade do tema, realiza propostas de sequenciação e ordenação de conteúdos, busca fontes de informação, compartilha propostas, planeja o trabalho, realiza o tratamento da informação a partir das atividades, desenvolve trabalho individual, faz auto-avaliação, conhece o próprio processo em relação ao grupo.

Durante o desenvolvimento do projeto, as crianças são levadas a fazer escolhas, aprendem a priorizar objetivos e focalizar assuntos. Um dos resultados mais significativos dessas ações tem sido a considerável mudança de comportamento dos educandos no que se refere ao convívio com os colegas. Verifica-se um aumento do clima positivo de interação, do diálogo argumentativo e da capacidade de aceitação dos posicionamentos alheios, fortalecendo a autonomia e o sentimento de grupo, unindo as crianças à identidade da escola sem perder a capacidade de julgamento, discernimento crítico e escolha democrática.

Hernández indica que o professor estabelece os objetivos educacionais e de aprendizagem, seleciona os conceitos e procedimentos que possam ser tratados no projeto, pré-sequencializa os possíveis conteúdos a trabalhar em função da interpretação das respostas dos alunos, compartilha propostas, busca um consenso organizativo, estabelece atividades, facilita meios de reflexão, recursos materiais, informação pontual, favorece, recolhe e interpreta as contribuições dos alunos, analisa o processo individual de cada aluno, conhece o próprio processo em relação ao grupo.

No trabalho com projetos interdisciplinares, pode-se dizer que o professor é um intérprete, pois capta idéias e interesses dos alunos, usando técnicas de observações e registros. O professor interpreta as manifestações das crianças. Quanto mais e melhor os professores conhecerem os seus alunos, mais facilmente poderão captar seus interesses, fontes de temas para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa. O professor, também pode ser considerado um pesquisador pois, na medida que o projeto avança, reflete, explora, estuda, pesquisa e planeja os possíveis modos de elaborar e estender o tema.

Além de intérprete e pesquisador o professor torna-se também, um divulgador, pois ele necessita muitas vezes comunicar-se com outros segmentos da escola, com os pais dos alunos, com pessoas da comunidade, com palestrantes. Dependendo do tema escolhido e das atividades propostas, o professor muitas vezes documenta o trabalho, juntamente com seus alunos, através de fotos, filmagens, blogs ou portfólios.

5 APRESENTAÇÃO DA ESCOLA E TURMA ENVOLVIDA NA PESQUISA

Os trabalhos de pesquisa realizados, referente a utilização da literatura em projetos interdisciplinares, foram desenvolvidos em uma escola municipal de ensino fundamental da região metropolitana de Porto Alegre, em uma turma de segundo ano, no período de doze de abril a doze de junho do corrente ano.

5.1 DESCRIÇÃO DA ESCOLA

A Escola atende em torno de 1.100 alunos e tem como filosofia desenvolver valores morais, éticos, culturais e intelectuais, mediante um ensino de qualidade, que propicie a formação de alunos críticos e participativos, capazes de analisar o contexto social na qual estão inseridos, posicionando-se com responsabilidade através de argumentos fundamentados na verdade e solidariedade, buscando a transformação da sociedade.

O município onde está inserida a escola, tem aproximadamente 261 mil habitantes numa área de 497 km e economicamente estão evidenciadas atividades em todos os setores da economia. Com o desenvolvimento, a população está modificando suas características sociais, surgindo a necessidade de qualificação da mão de obra para mercado de trabalho, comercial e industrial, gerando a necessidade de investimentos sociais, educacionais e financeiros do município para superar os desafios do crescimento econômico.

Na vila onde localiza-se a escola, existem poucos e pequenos comerciantes em uma comunidade carente, com trabalhadores informais, assalariados e desempregados com grandes dificuldades sociais e econômicas, interferindo na interação do aluno com o meio escolar. A escola tem sido considerada pela comunidade o único referencial social capaz de modificar o seu modo de vida, e até mesmo resolver alguns de seus problemas, precisando assim desempenhar seu papel de transformação, motivando os alunos a permanecerem e crescerem, aprendendo e desenvolvendo habilidades e competências necessárias ao desenvolvimento integral.

Para transformarmos a realidade atual e termos uma sociedade mais analítica, crítica, consciente e responsável pela luta por melhores condições de vida. Precisamos construir uma escola democrática que estabeleça relação de parceria com a comunidade nas atividades pedagógicas, culturais e administrativas em busca de um ensino de qualidade. Uma escola democrática pressupõe um conselho escolar ativo que contemple os desejos e necessidades dos integrantes da comunidade escolar. Também o desenvolvimento de um trabalho educativo onde os professores estejam conscientes da dimensão do seu papel, enquanto agentes transformadores da sociedade, numa proposta pedagógica construída coletivamente e que sejam profissionalmente valorizados. A formação continuada se faz necessária para o aprimoramento da ação pedagógica e atualização profissional, bem como a reflexão a respeito da prática educativa. Essa formação deve continuar a ser realizada pela mantenedora, de acordo com avaliações dos encontros e sugestões levantadas, e pela própria escola em reuniões previstas no calendário escolar.

A Escola tem por finalidade propiciar aos alunos um ensino qualitativo e significativo, mediante diagnóstico da realidade da comunidade escolar, enfatizando a apropriação do conhecimento sistematizado, através de uma prática associada a sua vivência e à construção do saber individual e coletivo. A finalidade do Ensino Fundamental oferecido pela Escola é proporcionar aos alunos o desenvolvimento da expressão e comunicação de suas idéias, visando a análise do contexto sócio econômico e cultural, através da utilização de diferentes linguagens (verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal) em busca da compreensão da sua realidade e do exercício de sua cidadania.

A gestão da escola é conduzida pela equipe diretiva e conselho escolar assessorada pela coordenação pedagógica e esta é constituída pela supervisão escolar e pela orientação educacional. O apoio administrativo é constituído pelos serviços gerais, merendeira, secretaria e guarda escolar. O apoio pedagógico é realizado pelo laboratório de aprendizagem, itinerância escolar, serviço de biblioteca.

Quanto a estrutura física, a escola apresenta o prédio administrativo dividido em secretaria, sala da direção, orientação e supervisão. Possui dezessete salas de aula, uma biblioteca, uma sala de laboratório de aprendizagens, uma sala de professores, dois banheiros femininos, dois banheiros masculinos, dois banheiros para professores e funcionários, uma sala para áudio e vídeo, um refeitório com cozinha, uma quadra esportiva aberta, uma pracinha e um barzinho. O

pátio da escola é bastante grande e possui corredores com pisos para acesso as salas de aula e um saguão.

Quanto à organização curricular, a escola adota regime seriado anual de 1ª a 9ª séries, no ensino diurno. No noturno, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) está organizada por totalidades de conhecimento, buscando a superação de sua fragmentação. Para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Jesus, a avaliação é um processo contínuo e participativo com função diagnóstica e investigativa, cujas informações propiciam um redimensionamento da ação pedagógica e educativa, reorganizando as ações do aluno, da turma do educador e da escola, no sentido de avançar a qualidade do ensino.

A avaliação do aluno é feita a partir de observações e realizações das atividades diárias escolares, auto-avaliação e pela aplicação de instrumentos diferenciados e adequados ao processo pedagógico. Num processo de investigação e diagnóstico, deve-se, considerar a capacidade de raciocínio, interpretação e compreensão dos temas desenvolvidos, contextualização do conhecimento, proporcionando a interação entre o saber sistematizado e a realidade de acordo com as especificidades de cada nível de ensino e aprendizagem.

A Escola adota como expressão dos resultados de avaliação as menções, fundamentadas no processo de construção do conhecimento, discutidas no conselho de classe participativo que acontece trimestralmente contando com a presença dos pais, alunos, professores e serviço de orientação educacional, para troca de idéias e orientações sobre o desempenho de cada educando. No ensino diurno, os alunos terão uma menção para cada disciplina, trimestralmente, discutidas no conselho de classe participativo, e no noturno bimestralmente.

A única menção que prevê a permanência do aluno na totalidade ou na série é o INSUFICIENTE. As menções atribuídas em caso de progressão são: ÓTIMO, MUITO BOM, BOM e REGULAR.

Os estudos de recuperação são realizados ao longo do ano letivo com o objetivo de superar as dificuldades de aprendizagem. Para este fim o professor diagnostica os limites nas aprendizagens de seus alunos e propõe outras situações de aprendizagem que promovam esta superação, e também proporciona outros instrumentos de avaliação.

A escola desenvolve projetos institucionais para intensificar o trabalho educacional junto à comunidade escolar. São alguns deles: Formação Continuada, Escola Aberta, Espanhol, Correção de Fluxo e Projeto Convivência Social, que abrange: Regras de Convivência, Realidade Social, Família, Leitura Crítica, Coleta Seletiva, Meio Ambiente, Consumo Consciente, Diversidade Social e Civismo.

5.2 APRESENTAÇÃO DA TURMA

A turma 23 da Escola é de segundo ano do ensino fundamental de nove anos, possui 27 alunos, sendo 15 do sexo masculino e 12 do sexo feminino, que estudam no horário da tarde, das 13 horas às 17 horas.

A idade dos alunos da turma, cronologicamente é uniforme entre seis e sete anos. Apenas um aluno possui idade mais avançada que os demais e é o único da turma que está repetindo a série. Todos os outros alunos frequentaram a 1ª série no ano anterior, nesta mesma escola.

Um terço dos alunos possui grande falta de recursos econômicos, apresentando problemas de baixa renda familiar. Em alguns aspectos a heterogeneidade está presente na turma, pois aprendem de formas e ritmos diferentes e trazem conhecimentos diversificados para a sala de aula. Os níveis de construção da linguagem escrita em que se encontram os alfabetizados da turma são diversificados. Um terço dos alunos estão no nível alfabético, fato este bastante positivo. Também é bastante interessante que nenhum aluno da turma encontra-se no nível pré-silábico.

Nesta turma, os alunos são bastante participativos, criativos e falantes, gostam de atividades lúdicas e bastante diferenciadas. A maioria dos alunos é desinibida e participativa. Os pais ou responsáveis da maioria dos alunos fazem-se presentes e acompanham o desenvolvimento de seus filhos.

6 LITERATURA INFANTIL EM PROJETOS INTERDISCIPLINARES

Através da utilização da literatura infantil interligada a um ensino por projetos, a aprendizagem poderá ganhar um sentido bastante amplo, completo e rico. A educação deve ser um espaço para descobertas obtidas através da participação e colaboração ativa de cada aluno com seus parceiros em todos os momentos. Possibilitamos assim a construção de sujeitos autônomos e cooperativos, críticos, sensíveis e preocupados com situações vivenciadas por si e pelos outros.

6.1 A CONTRIBUIÇÃO DA LITERATURA INFANTIL EM PROJETOS INTERDISCIPLINARES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Em projetos interdisciplinares, o confronto de opiniões, a motivação, as interações sociais, o trabalho cooperativo e a exploração dos sentimentos, das emoções e da sensibilidade, possibilitarão à criança condições que assegure o caráter formativo das atividades, através de uma boa orientação do professor que se encontra muitas vezes inserido em uma escola transformadora.

Para Joana Cavalcanti:

A escola transformadora não envidraça, ao contrário disso deve promover o sentido de liberdade de expressão, busca do prazer estético, gosto pela leitura, criação de espaços para a valorização do lúdico, enfim deve ser um campo fértil para a valorização da interdisciplinariedade e pluralidade do olhar sobre o mundo. Na escola transformada haverá lugar para a emergência da singularidade, como também das individualidades que se unem em favor do coletivo. Na escola transformada haverá espaço para o onírico e o poético, portanto para a alma. Por mais que nos pareça impossível, haverá lugar para o sonho e para o surgimento de um leitor simbólico que lê o implícito, mergulha no vazio das palavras para buscar seu próprio sentido. Que lê com o corpo e com o espírito, por isso transforma. (CAVALCANTI, 2004, p.81)

Cabe aos professores, acreditarem e terem esperança de que a escola pode ser atualmente, um espaço para que ocorra uma mudança cultural de idéias e valores, e isso poderá ocorrer, através da literatura e da pedagogia de projetos, que abrem portas para o reconhecimento e o conhecimento de infinitos mundos: dentro e fora de nós mesmos e de interação com os outros.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Língua Portuguesa mencionam o ensino por meio de projetos. Segundo os autores:

Os projetos são excelentes situações para que os alunos produzam textos de forma contextualizada - além do que, dependendo de como se organizam, exigem leitura, escuta de leituras, produção de textos orais, estudo, pesquisa ou outras atividades. Podem ser de curta ou média duração, envolver ou não outras áreas do conhecimento e resultar em diferentes produtos: uma coletânea de textos de um mesmo gênero (poemas, contos de assombração ou de fadas, lendas, etc., um livro sobre um tema pesquisado, uma revista sobre vários temas estudados [...]). Os projetos além de oferecerem reais condições de produção de textos escritos, carregam exigências de grande valor pedagógico: podem apontar a necessidade de ler e analisar uma grande variedade de textos e portadores do tipo que se vai produzir: como se organizam, que características possuem ou quais tem mais qualidade [...]; por intermédio dos projetos é possível uma intersecção entre conteúdos de diferentes áreas: por um lado, há os projetos da área da Língua Portuguesa que, em função do objetivo de trabalhar com textos informativos, privilegiam assuntos de outras áreas [...]; os projetos favorecem o necessário compromisso do aluno com sua própria aprendizagem. (PCNs, 1997, v.2, p.70-72).

Podemos aproveitar um projeto que esteja sendo trabalhado, referente a um determinado assunto, e encaixar um livro. Como já vimos no capítulo três, encontramos atualmente uma diversidade muito grande de obras literárias, com diferentes narrativas, que podem ser aproveitadas em variados temas escolhidos nos projetos interdisciplinares. O conteúdo dos livros pode ser divertido e também pode ser utilizado para explorar temas, os mais diversos, ligados direta ou indiretamente às áreas do conhecimento e aos temas transversais que são: ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual e temas locais.

As histórias infantis podem promover a aprendizagem e de uma forma lúdica, elas estimulam a aquisição da leitura e da escrita, transmitem valores essenciais à convivência humana. Cada vez que são contadas de forma criativa, transcendem o universo ficcional, pois agregam conhecimentos e ideologias que ressignificam o mundo.

6.2 EXPERIÊNCIAS DE UTILIZAÇÃO DA LITERATURA INFANTIL EM PROJETOS INTERDISCIPLINARES NO 2º ANO.

Nas atividades propostas em projetos interdisciplinares desenvolvidos em meu estágio, a literatura se fez presente como uma aliada para enriquecer as atividades, envolvendo diversas áreas de conhecimento e havendo preocupação em fazer com que as crianças se apropriassem de

conhecimentos e habilidades necessárias para sua participação efetiva e competente na vida social e cultural.

Cito, os projetos desenvolvidos durante o período de estágio e destaco atividades envolvendo a literatura que foram realizadas neles:

Projeto: “Prevenindo a Gripe H1N1”.

Justificativa: O tema estava na mídia, os alunos estavam trazendo para a sala de aula questionamentos sobre a gravidade da chamada gripe "A" H1N1, alguns deles realizaram a vacina por estarem no grupo de risco ou acompanharam familiares que fizeram a vacina. O ministério da saúde e órgãos públicos de saúde de todo o Brasil estavam engajados na campanha de vacinação e prevenção da gripe. Nada mais justo que a escola e os alunos se envolvessem também nesta campanha, tão importante para a saúde de todos nós.

Trabalhando com tecnologia, mesmo não existindo Laboratório de Informática (LABIN) na escola, eu e minha turma fomos à Lan House do bairro, realizar pesquisas sobre o tema. De maneira bem significativa e divertida, adquirimos maiores informações sobre o assunto trabalhado em aula (gripe A, H1N1), entre muitos sites visitados, os alunos acessaram <http://historiasparapre.blogspot.com/2009/09/gripe.html>, com a história infantil "Nuno Vence a Gripe". A história, em livro digital, muito bem ilustrada, muda as páginas através de cliks e pode ser ouvida em “português de Portugal”, o que chamou bastante a atenção dos alunos por causa do sotaque e da linguagem utilizada.

Dentro deste mesmo projeto, realizei com os alunos a contação da história infantil "ATCHIM!" dos autores Mary e Eliardo França, da Editora Ática. Com os personagens “Pingos”, aprendemos de maneira criativa e alegre como devemos tratar uma pessoa que está gripada. A contação foi realizada através da técnica do varal, que consiste em anexar as páginas do livro, uma de cada vez, em uma cordinha com prendedores. A história nos conta como tratar a gripe e como se dá a transmissão do vírus. A técnica do varal foi muito interessante para os alunos, pois ainda não conheciam e perguntavam se eu iria estender roupas quando viram a cordinha e os prendedores. Os alunos ficaram atentos à história, realizaram muitos comentários e então pedi que reescrevessem a história. Alguns alunos conseguiram com facilidade, porém houve um grupo que sentiu insegurança, pois ainda possuíam algumas dificuldades na leitura e escrita (encontram-

se no nível silábico de alfabetização). Optei em auxiliá-los de maneira grupal, ajudando-os com uso do quadro e giz, montando a história juntamente com eles, de modo coletivo.

Realizamos também a confecção dos personagens “Pingos” da história “ATCHIM” com balões. Alguns balões estouravam causando algum transtorno, mas com calma e paciência, conseguimos fazer todos. Fizemos a dramatização da história que foi bastante divertida, a cada vez que o narrador dizia a palavra “ATCHIM” os alunos deveriam simular espirros. Através das histórias “Nuno Vence a Gripe” e “Atchim”, os alunos identificaram medidas, de maneira alegre, divertida e criativa, que devemos tomar quando estamos gripados.

O hábito de ler juntamente com familiares deve ser promovido. Em uma tarefa de casa, foi solicitado aos alunos ler juntamente com os pais as páginas 30 até 35 do livro Porta Aberta, Ciências, 2º ano, de Ângela Gil e Sueli Fanizzi, Editora FTD, (livro didático que cada aluno possui) que aborda a prevenção de doenças, viroses e vacinas. Solicitamos também que cada aluno sublinhasse o que considerou mais interessante.

Na aula posterior à tarefa de casa, os alunos contaram sobre a leitura e chamou-me a atenção o fato de muitos alunos comentarem que a mãe mandou dizer que as vacinas estavam em dia. Outros relataram que perderam a carteirinha de vacinação e etc. Adorei o fato de se preocuparem com as vacinas já realizadas e os alunos cobrarem de suas mães se haviam feito vacinas quando bebês. Conversamos muito sobre as doenças contagiosas e cada um queria contar um caso sobre quando tiveram caxumba, catapora e outras. Realizamos através de um diálogo uma troca de experiências e adquirimos conhecimentos sobre sintomas de diferentes doenças.

Projeto: “Pindorama - Brasil dos Índios”.

Justificativa: Faz parte do desenvolvimento da criança a descoberta de novas culturas e o interesse pela origem das coisas. A comemoração do Dia do Índio foi um bom momento para propor atividades que esclarecessem questões sobre os primeiros habitantes do Brasil, ressaltando a influência da cultura indígena no cotidiano atual e fazendo comparações entre o Brasil e os índios no tempo do descobrimento.

Envolvendo literatura e a temática sobre índios, realizamos atividades sobre “A Lenda da Vitória Régia”. Fizemos a leitura da lenda, dialogamos e refletimos sobre o acontecimento

relatado, que traz um fascínio para os alunos. Pedi que os alunos circulassem na lenda digitalizada em folha de ofício, palavras significativas. Após solicitei que copiassem as palavras e separassem as sílabas, trabalhando a escrita das palavras, identificando suas sílabas, dentro da área de linguagem.

Utilizando uma “leitura visual” (sem texto escrito), mostrei aos alunos a obra “Primeira Missa no Brasil”, de Victor Meirelles, (1860, Museu Nacional de Belas Artes , Rio de Janeiro), através do encarte especial da Revista Nova Escola de abril de 2004, nº 71. Realizando observação e reflexão sobre a pintura, os alunos acharam muito engraçado o fato de uma índia aparecer na tela, amamentando seu filho, deitada no chão, semi-nua, com os seios aparecendo. Realizaram a releitura da obra, onde retrataram principalmente o Frei, a cruz, a Bíblia, o índio na árvore, a índia amamentando, outros índios, as árvores e o céu. As releituras foram recolhidas para encadernar, transformando-se em um livro da turma para exposição na feira do livro prevista para o final do ano.

Projeto: “O que vou ser quando crescer?”

Justificativa: Os alunos da turma apesar de possuírem idade entre sete e dez anos de idade, estando longe de escolherem a profissão que irão seguir ou de entrar para o mercado de trabalho, não vivem alheios a este assunto. Observam, discutem e fazem projeções para o futuro; se gostam de animais, querem ser veterinários; se gostam de crianças querem ser pediatras; se assistem salvamentos, querem ser bombeiros e assim por diante. Se o tema desperta o interesse, pode ser abordado em sala de aula. Aproveitando a comemoração do Dia do Trabalho, em 1º de maio, considere uma boa época para trabalhar sobre as profissões com os alunos. Apresentar as profissões aos pequenos é conscientizá-los sobre a importância do desenvolvimento intelectual e uma forma de estimular o estudo.

Desenvolvendo uma atividade no projeto “O que vou ser quando crescer?”, os alunos foram levados até a sala da supervisora da escola, onde há um computador com internet disponível. Divididos em pequenos grupos, acessaram a “Cartilha Viva o Trabalho” no site http://www.mte.gov.br/trab_infantil/cartilha_viva_trabalho/default.html¹ e leram atentamente a

¹ A cartilha Viva o Trabalho foi publicada pelo Portal do Ministério do Trabalho e Emprego somente por um tempo determinado, atualmente não poderá ser acessada nesse endereço. Está disponível alternativamente em:

história infantil que aborda o que não é permitido às crianças em relação ao trabalho, para discussão e reflexão, a partir de experiências vivenciadas no cotidiano.

Em outro momento do projeto apresentei aos alunos a música "Criança não Trabalha", de Paulo Tatit e Arnaldo Antunes, do CD Palavra Cantada, que é bastante alegre e trabalha com as palavras de maneira poética, lúdica e criativa. Os alunos dançaram, cantaram a música e trabalharam com as rimas das palavras contidas na letra, com disposição e criatividade. Através da música realizamos também um diálogo sobre o trabalho infantil e a exploração do trabalho de menores como um problema grave que acontece no Brasil.

Neste projeto que envolveu as profissões, foi realizado um trabalho de contação da fábula "A Cigarra e a Formiga". Os alunos gostaram da história e comentaram que acharam a cigarra "folgada" e que a formiga foi muito boazinha com ela. Realizando uma análise bastante otimista e generosa para com as duas personagens, vimos o quanto é importante ajudar a alguém, não importando a quem, e que a cigarra tinha o dom da música, que poderia ser aproveitado para uma carreira, uma profissão. Todos temos algo que fazemos melhor, um dom, uma vocação, etc. Esta parte foi trabalhada com os alunos e cada um começou a colocar suas preferências profissionais. Também começaram a falar sobre em que as pessoas da família trabalhavam ou gostariam de fazer profissionalmente. Em um segundo momento, pedi aos alunos que montassem uma história em quadrinhos sobre a história da cigarra e a formiga, em uma folha de ofício dividida em seis partes. Os alunos acharam um pouco difícil desenhar os personagens da história, mas através do companheirismo e auxílio mútuo, todos conseguiram montar a história.

Projeto: "Homenagem às Mães"

Justificativa: Tendo em vista a comemoração do Dia das mães, toda a escola mobilizou-se em uma festividade em homenagem as mães. Tornou-se viável propiciar às crianças um contato maior com a representação que fazem de suas mães, explorando suas qualidades e preferências. Inserindo literatura no projeto, realizou-se a contação da história: "Quando Mamãe virou um Monstro", de Joanna Harrison, da Editora Brinque-Book. A história, muito divertida, conta como duas crianças enxergam sua mãe quando ela está furiosa com as travessuras que fazem. Pude

descobrir como os alunos são tratados afetivamente pelas suas mães, pois indaguei se as mães deles também transformavam-se em "monstros" e conversamos sobre porque isso acontecia.

Montamos um painel com desenhos das mães calmas, boazinhas e furiosas, transformadas em "monstros". Essa história foi ótima para os alunos trocarem idéias sobre o comportamento deles para com suas mães e das mães para com eles.

Em outro dia realizamos a contação da história "Se as Coisas fossem Mães", de Sylvia Orthof. É história envolvente, que trabalha a criatividade e a imaginação. A partir da história puderam ser construídas multiplicações, envolvendo a quantidade dois. A regra era que: cada mãe só poderia possuir 2 filhos. Montamos um livrinho de multiplicações com desenhos e numerais envolvendo: 2×2 , 3×2 , 4×2 e 5×2 . Por exemplo, se a lua fosse mãe, seria mãe das estrelas. Se houverem 3 luas e 2 filhos cada uma, quantos filhos serão no total? Com esta atividade, a maioria dos alunos acompanhou como se dá o processo da multiplicação, a partir da história infantil, transformada em história matemática.

Tendo contato com a literatura que os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida. Já nos primeiros anos de vida é aconselhável que a criança tenha contato com histórias inventadas ou extraídas da tradição familiar.

De acordo com a escritora Fanny Abramovich (2005, p.17), quando as crianças ouvem histórias, passam a visualizar de forma mais clara sentimentos que têm em relação ao mundo. As histórias trabalham problemas existenciais típicos da infância, como medos, sentimentos de inveja e carinho, curiosidade, dor, perda, além de abordarem outros assuntos. Além disso, é por meio de uma história que a criança pode descobrir outros lugares, etnias, tempos, etc. Quanto mais cedo às crianças tiverem contato com os livros, mais cedo irão perceber o prazer que a leitura produz, sendo maior a probabilidade de se tornarem um adulto leitor. E ser leitor é ter um caminho absolutamente interminável de descoberta e de compreensão do mundo.

Projeto: "Brinquedos e Brincadeiras"

Justificativa: Proporcionar aos alunos um ambiente lúdico, facilitando a integração no grupo e modificando o quadro de agressividade tão comum hoje em dia. Descobrimo outras formas de expressar-se, o aluno vai se sentindo mais feliz e vai percebendo os outros como

companheiros, para desenvolver brincadeiras e jogos, gerando, diversos momentos de sociabilidade. É importante, para a criança, que seu corpo e sua mente estejam em movimento, impulsionados pelo prazer da ação que realiza em situações de entusiasmo, diálogo e comunicação.

Distanciando-se dos problemas do dia-a-dia e absorvidos pela brincadeira, os alunos, vão pouco a pouco reestruturando sua afetividade, comportamentos e compreensão da realidade. As brincadeiras proporcionam momentos de liberdade. No mundo infantil, quem brinca, brinca pra valer, e brincando reencontra a alegria, e, nessa liberdade em poder brincar, os alunos vão sendo educados e vão adquirindo novas aprendizagens.

No projeto “Brinquedos e Brincadeiras” trabalhamos com a leitura do poema "B de Brinquedo", da autora Elza Beatriz (Pare no P da Poesia. 8ª. Ed. Belo Horizonte: Vigília, 1986) e atividades relacionadas ao poema, como escrita de nomes dos brinquedos que aparecem na poesia e listagem de brinquedos de antigamente e de hoje, aproveitando para desenvolver a produção escrita. Destaco que a leitura de poemas e o contato dos alunos com diferentes tipos de texto favorecem o desenvolvimento do letramento.

A poesia "Meu Cavalo Come-Vento", de Sérgio Caparelli (Porto Alegre, L&PM, 1991), também foi trabalhada neste projeto e instigou a criatividade dos alunos para colocarem um nome em seu próprio cavalo, confeccionado com figura de papel e cabo de vassoura. Surgiram vários nomes como: Trovão, Pé de Pano, Ventania, Toby, Saradão, Malhado e etc. Realizamos uma corrida de cavalos e desenvolveram bastante a coordenação motora ampla, de maneira lúdica e divertida. Realizamos atividades destacando a palavra "cavalo" e suas sílabas, relacionando-as com a formação de novas palavras que tenham as mesmas sílabas.

Neste mesmo projeto foi apresentada a poesia: “A Bola”, da autora Renata Pallottini, (Café com leite, São Paulo, Quinteto Editorial, 1988). Os alunos confeccionaram um desenho sobre a poesia, ilustrando diferentes carinhas com expressões variadas numa bola. Destacaram na poesia escrita a palavra bola e formaram novas palavras que tivessem as mesmas sílabas.

Projeto: “Recontando Contos de Fadas”

Justificativa: Semanalmente os alunos retiram livros na biblioteca para realizar leituras em casa. Chamou-me a atenção as obras retiradas, que na maioria das vezes são contos de fadas. O Patinho Feio, Os Três Porquinhos, Branca de Neve, Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Pinóquio, Peter Pan, João e Maria e a Pequena Sereia são as preferidas dos alunos. Tendo em vista esta preferência da turma, resolvi trazer para a sala de aula, de maneira lúdica e em atividades diversas integradas em algumas disciplinas, o mundo mágico dos contos de fadas.

Os contos de fadas são histórias muito interessantes porque as crianças se identificam com elas, e passam a querer ouvi-las repetidamente, por sentir que naquele personagem há algo semelhante ao que vivem ou sentem no momento.

Cito alguns trechos da obra "Como e por que ler Clássicos Universais desde cedo", de Ana Maria Machado:

Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda. O primeiro contato com um clássico, na infância e na adolescência, não precisa ser original. O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente. Muita gente fala em prazer da leitura, mas às vezes essa noção fica um pouco confusa. Claro existe um elemento divertido, de entretenimento, em acompanhar uma história engraçada, emocionante ou cheia de peripécias. É uma das alegrias que o livro pode proporcionar, mas essa é apenas a satisfação mais simples, evidente e superficial. Há muito mais do que isso. Muito mesmo, como sabe qualquer leitor. (...) a leitura dos bons livros de literatura traz também ao leitor o outro lado dessa moeda: o contentamento de descobrir em um personagem alguns elementos em que ele se reconhece plenamente. Lendo uma história, de repente descobrimos nela umas pessoas que, de alguma forma, são tão idênticas a nós mesmos, que parecem uma espécie de espelho. Como estão, porém em outro contexto são fictícias, nos permitem um certo distanciamento e acabam nos ajudando a entender melhor o sentido de nossas próprias experiências. Essa dupla capacidade de nos carregar para outros mundos e, paralelamente, nos propiciar uma intensa vivência enriquecedora é um dos grandes prazeres de uma boa leitura. (MACHADO, 2002, p.15, 19 e 20)

O projeto dos contos de fadas foi bastante rico, pois proporcionou aos alunos muita imaginação, curiosidade, reflexão sobre a realidade, busca pelo conhecimento, desenvolvimento da linguagem, além de trabalhar as emoções, a atenção e a observação. As histórias escolhidas pelos alunos foram: Pinóquio, Chapeuzinho Vermelho, Patinho Feio, Os Três Porquinhos e Branca de Neve.

Realizamos atividades bastante diversificadas, como teatro de fantoches, criação de histórias diferentes embasadas nas originais, construção de adições e multiplicações utilizando

personagens, estudo de diferentes moradias, pesquisa sobre animais ovíparos e vivíparos, brincadeiras musicais, reescrita das histórias, trabalhos em dobradura e outras atividades.

Projeto: “Vamos Ajudar Nosso Planeta!”

Justificativa: Devemos sensibilizar as crianças em relação aos problemas ambientais, mostrando que o futuro está em nossas mãos, no ar que respiramos, na água que bebemos, onde e como vivemos. Indicamos que atitudes de degradação e deterioração da natureza não podem ser tratadas com indiferença, nem pela sociedade, nem pela escola. Não adianta cobrar do governo e dos outros, atitudes que ainda pessoalmente não conseguimos ter.

Dentro do projeto foi trabalhada a história infantil "A Doença da Terra", da autora Maria Aparecida Pinceratti (Curitiba: Arco Íris, 1995-2ª Edição, Literatura Infanto Juvenil), que desencadeou um diálogo sobre problemas ambientais e a construção de texto coletivo sobre os motivos da "doença da terra".

Neste mesmo projeto foi apresentada a história infantil "Por que Economizar Água?" de Jen Green e Mike Gordon. (São Paulo: Scipione, 2004. Coleção valores). Através desta história foram formadas frases com dicas para economizar água, que foram escritas em mini-panfletos, para distribuição em outras turmas da escola, na tentativa de conscientizar as pessoas sobre a importância de todos se preocuparem com este líquido tão precioso que não pode ser desperdiçado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Integrar a literatura infantil em projetos interdisciplinares e nas atividades previstas nas séries iniciais faz parte de uma proposta pedagógica onde é fundamental proporcionar momentos de leitura para que, desde cedo, os pequenos possam ampliar suas visões de mundo. Ouvir e contar histórias é fundamental para o desenvolvimento da identidade da criança porque, à medida que ela se identifica com a história ou com os personagens, poderá se tornar capaz de resolver seus próprios problemas e sentir-se forte para enfrentá-los. Desencadeia também idéias, opiniões e sentimentos, desenvolvendo a potencialidade criativa, antecipando muitas vezes, situações que a criança só iria experimentar na vida adulta, como a de casar, exercer uma profissão, cuidar de filhos, etc.

A literatura infantil, não necessita ser utilizada apenas como um pretexto para o ensino da leitura e para o incentivo à criação do hábito de ler. Uma obra literária, também pode ser utilizada como um objeto mediador de conhecimento, estabelecendo relações entre teoria e prática, possibilitando ao professor atingir determinadas finalidades educativas. Aliar a literatura infantil em uma metodologia de ensino por projetos nas séries iniciais é uma das possibilidades que evidencia bons resultados no ensino da linguagem e em outras áreas de conhecimento.

Percorrendo as páginas desenvolvidas neste trabalho, deparamos muitas vezes com o desejo de abordar questões essenciais que permeiam o estudo da literatura infantil e da pedagogia de projetos interdisciplinares, envolvendo a criança, a escola, os docentes, os pais, o social, o ético, o filosófico, o psicanalítico e boa parte da complexidade presente na discussão do universo literário infantil e pedagógico.

Através deste trabalho, conhecemos rapidamente o fantástico e vasto mundo da literatura infantil colocando em destaque questões para o educador, sensibilizando-o no sentido de valorizar a literatura como instrumento importante para as diversas aprendizagens, podendo ela ser bem contextualizada em um assunto abordado num projeto interdisciplinar, que desperta condições para a participação ativa dos alunos em um clima de criação, de descoberta, de colaboração e respeito mútuo, despertando possibilidades para aprendizagens significativas. Para Joana Cavalcanti:

É importante que o educador compreenda que trabalhar com Literatura infanto-juvenil é formar sensibilidades, provocar olhares, desconstruir contextos, possibilitar caminhos que se abrem para o múltiplo, poético e sagrado universo humano. (CAVALCANTI, 2004, p.123)

Trabalhar com a literatura infantil através de uma ação pedagógica adequada à situação cultural e social da criança, é sem dúvida, um desafio constante. Pode-se dizer em uma linguagem popular, que aliar a literatura infantil a projetos interdisciplinares nas séries iniciais é como “unir o útil ao agradável”.

As experiências relatadas neste trabalho, podem servir como fio condutor para a criação de outras propostas, levando em conta que cada grupo de alunos tem suas características e funcionamento próprios, e cada realidade tem suas peculiaridades. É esperado que o educador use da responsabilidade, sensibilidade e criatividade no momento de desenvolver o que neste trabalho foi proposto como dinâmicas e vivências na ação pedagógica.

A prática apresentada, retrata a leitura, não como uma obrigação, mas como um objeto de prazer e uma via de inserção no mundo das idéias e das emoções, na qual professoras e alunos, juntos descobrem esse universo. A interação dos educandos com o livro, o texto, a poesia e a leitura, precisa ser intensa e contextualizada em projetos que apresentem metodologia pedagógica transformadora, criativa e desencadeadora de novas descobertas.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices**. 5ª ed. São Paulo: Scipione, 2005.
- ALVES, Rubem. **A Alegria de Ensinar**. RS: Poética Editora LTDA, 1994.
- ARROYO, Miguel. Escola Plural. Proposta Pedagógica Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Belo Horizonte: SMED, 1994. **Em Extensão**, Uberlândia, v.7, n.2, p. 19-29, 2008.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**- 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação: Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**, v. 2, Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2004.
- CHARTIER, Roger. **Fala, Mestre! Revista Nova Escola**. nº 204, p. 24 e 26, São Paulo: Abril Editora, agosto/2007. Entrevista concedida a Cristina Zahar.
- COELHO, Nelly Novaes. **Panorama Histórico da Literatura Infante/Juvenil**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 6. Ed. São Paulo: Ática, 1993.
- COSTA, Marta. **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2005.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 1983.
- DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. **A Organização do currículo por projetos de trabalho**. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e porque ler os clássicos universais desde cedo** – Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

JOLIBERT, J. **Formando Crianças Leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994 a, v.1.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO - Escola Municipal de Ensino Fundamental Bom Jesus. Gravataí, outubro de 2009.

REVISTA EDUCAÇÃO INFANTIL.. São Paulo: Minuano Cultural, nº 23, 50p. ano V.

SANTOMÉ, Jurjo T. **Globalização e interdisciplinariedade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SARAIVA, Juracy A. **Literatura e Alfabetização: do plano do choro ao plano da ação**- Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

VANTI, Elisa dos Santos. **Projetos Interdisciplinares**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2007.

VARELA e ALVAREZ-URIA. **A Maquinaria Escolar**. Revista Teoria & Educação, editada em Porto Alegre, n.6, 1992.

VYGOTSKY, Lev S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZILBERMAN, Regina. **Como e porque ler a literatura infantil brasileira**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.